



RELAÇÕES FAMILIARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Vania Martini¹, Ana Paula Nicolodi Tonial², Cristina Fioreze³

¹Graduanda em Serviço Social pela Universidade de Passo Fundo (UPF/RS/Brasil). Especialista em Psicologia e Comportamento Humano nas Organizações de Trabalho (Imed). Especialista em Gestão Estratégica de Negócios (Anhanguera) e Graduada em Gestão Estratégica de Recursos Humanos (UCB). E-mail: 195099@upf.br

²Mestranda em Envelhecimento Humano (Bolsista Capes) pela Universidade de Passo Fundo. Especialista em Direito Penal e Processo Penal (Atitus) e Graduada em Direito e Psicologia (UPF/RS/Brasil). E-mail: aninhatonial@hotmail.com

³Doutora em Sociologia e Professora do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo. E-mail: cristinaf@upf.br

RESUMO

Este estudo investigou as relações familiares de jovens universitários gays, lésbicas e bissexuais de uma universidade comunitária brasileira, focando na percepção de funcionalidade familiar e no apoio recebido (ou não) frente à orientação sexual. O objetivo foi analisar a percepção de funcionalidade familiar e o apoio das famílias desses jovens em relação à sua orientação sexual. Utilizou-se uma abordagem mista, com aplicação do questionário Apgar Familiar (72 participantes) e entrevistas semiestruturadas (9 participantes). Mais da metade dos participantes percebeu suas famílias como disfuncionais. As entrevistas evidenciaram dinâmicas de acolhimento ou preconceito, estratégias para revelar a orientação sexual e luto das expectativas familiares. A comunicação familiar mostrou-se fator central, podendo fortalecer ou fragilizar vínculos. Conclui-se sobre a importância de políticas públicas e ações institucionais voltadas à população LGBTQIAPN+, mas também às suas famílias, com vistas a promover o acolhimento, reduzir a homofobia familiar e fortalecer o pertencimento estudantil.

INTRODUÇÃO

A universidade tem passado por um processo de democratização, tornando-se um espaço cada vez mais plural e diverso (Oliveira, 2021). Esse contexto tem gerado maior interesse nas experiências de vida dos estudantes, tanto acadêmicas quanto externas à instituição. Compreender o perfil dos estudantes permite às universidades formularem políticas de acolhimento, apoio e acompanhamento acadêmico, impactando diretamente o senso de pertencimento e a permanência estudantil (Heringer, 2022; Ganam & Pinezi, 2021). No entanto, questões relacionadas às dimensões subjetivas, identitárias, à saúde mental e ao suporte familiar



ainda permanecem à margem das preocupações acadêmicas, especialmente no caso de estudantes LGBTQIAPN+ (Rufato et al., 2022; Oliveira & Oliveira, 2022).

A família, seja qual for sua configuração, cumpre funções essenciais, como o afeto, a educação e a socialização, e sua funcionalidade é vital para a saúde mental dos jovens (Rodrigues et al., 2024). Contudo, a homofobia familiar continua sendo um tema envolto em tabus, frequentemente tratado como uma questão privada, e caracterizado por diferentes formas de violência e medo de rejeição (Santos et al., 2020).

Desse entendimento emerge a importância de se atentar à funcionalidade familiar, ou seja, à qualidade do ambiente afetivo e das interações estabelecidas e percebidas entre os membros da família, independentemente de sua configuração. Considera-se funcional a família que se organiza a partir de laços de afeto, responsabilidade, respeito e compreensão mútua; que demonstra capacidade de enfrentar crises e conflitos com equilíbrio emocional; onde há convivência harmônica, comprometimento entre os membros e, ao mesmo tempo, preservação da individualidade; que atua com flexibilidade, mas também com firmeza. Em contrapartida, nas relações familiares disfuncionais, é comum que o ambiente doméstico se transforme em um espaço marcado por instabilidade emocional e insegurança (Rodrigues et al., 2024).

O artigo, portanto, visa investigar as relações familiares de jovens universitários gays, lésbicas e bissexuais, com foco em sua percepção de funcionalidade familiar e o apoio recebido da família diante de sua orientação sexual.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando técnicas quantitativas e qualitativas, com o objetivo de proporcionar uma análise mais abrangente dos dados (Leite et al., 2021; Machado, 2023). Participaram da pesquisa estudantes de graduação gays, lésbicas e bissexuais, identificados como cisgênero, de uma universidade comunitária no estado do Rio Grande do Sul. A universidade, no momento da pesquisa (2022), possuía aproximadamente 7 mil estudantes matriculados, mas não havia dados institucionais sobre o número de estudantes com o perfil mencionado.



A pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, quantitativa, foi aplicado um questionário contendo questões sobre o perfil do respondente, além do instrumento Apgar Familiar, utilizado para avaliar a funcionalidade familiar. O Apgar Familiar é composto por cinco perguntas que avaliam as dimensões de adaptação, companheirismo, desenvolvimento, afetividade e capacidade resolutive. A pontuação varia de 0 a 20, sendo que escores entre 17 e 20 indicam funcionalidade normal e entre 0 e 9, disfunção severa (Cuba-Espinoza, 2014). A aplicação foi realizada por meio de um formulário eletrônico, compartilhado com os estudantes da universidade, resultando, por conveniência, em uma amostra não-probabilística de 72 respondentes.

A segunda etapa consistiu em entrevistas semiestruturadas realizadas com nove participantes que, dentre os 72 da primeira etapa, demonstraram interesse em participar desta etapa. As entrevistas ocorreram de agosto a setembro de 2022, de forma presencial ou remota, conforme a preferência dos entrevistados. Os dados qualitativos foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), gerando três categorias principais: a) acolhimento versus preconceito familiar; b) estratégias para a revelação da orientação sexual; c) luto das expectativas familiares.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da universidade, sob o parecer nº 5.444.248. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e suas identidades foram mantidas em sigilo, sendo substituídas por numeração nas entrevistas.

RESULTADOS

Na primeira etapa da pesquisa, participaram 72 respondentes, dos quais 75% eram mulheres (identificadas como bissexuais ou homossexuais) e 25% eram homens (também bissexuais ou homossexuais). Esses dados são cruciais para entender a composição do público-alvo da pesquisa e a diversidade de gênero e orientação sexual presente. A tabela a seguir apresenta a caracterização dos participantes em termos de orientação sexual (Quadro 1).

Quadro 1: Caracterização dos participantes em termos de orientação sexual – Etapa 1



Alternativa	Quantidade de respondentes	Percentual
Mulher bissexual	41	56,9%
Mulher homossexual	13	18,1%
Homem homossexual	11	15,3%
Homem bissexual	7	9,7%
Total de respondentes	72	100%

Fonte: elaboração dos autores

Entre os participantes da primeira etapa, uma quantidade significativa revelou sua orientação sexual aos familiares, com 63,9% dos participantes indicando que haviam compartilhado esse aspecto de sua identidade com seus familiares (Quadro 2). Isso indica uma abertura parcial em relação ao tema dentro das famílias, refletindo a diversidade de situações vividas pelos indivíduos LGBTQIAPN+ no ambiente familiar.

Quadro 2: Revelação da orientação sexual na família – Etapa 1

Revelou a orientação sexual na família	Quantidade de respondentes	Percentual
Sim	46	63,9%
Não	25	34,7%
Não respondeu	1	1,4%
Total	72	100%

Fonte: elaboração dos autores

No que se refere à percepção de funcionalidade familiar, os resultados do Apgar revelam um cenário de fragilidade familiar para muitos participantes. 54,17% dos respondentes indicaram níveis baixos de satisfação familiar, com escores classificados entre disfunção severa e moderada (Quadro 3). Esses dados apontam para um contexto de dificuldades no apoio familiar que pode afetar a saúde mental e o bem-estar dos jovens LGBTQIAPN+.

Quadro 3: Percepção de funcionalidade familiar – Etapa 1

Quantidade de participantes	Percentual
Funcionalidade normal	17



Quantidade de participantes Percentual

Disfunção leve	16
Disfunção moderada	12
Disfunção severa	27
Total	72

Fonte: elaboração dos autores

Esses resultados destacam a necessidade de apoiar a comunicação dentro da família e reforçar a importância do acolhimento, especialmente em um contexto onde muitas famílias enfrentam dificuldades para lidar com a orientação sexual de seus filhos. A relevância desses dados é visível ao considerar que a funcionalidade familiar pode influenciar significativamente na saúde mental dos jovens.

DISCUSSÃO

Os estudos sobre a funcionalidade familiar na população LGBTQIAPN+ são escassos, dificultando comparações consistentes. A pesquisa de Palma e Orcas ita (2018) com jovens lésbicas e bissexuais na Colômbia encontrou boa funcionalidade familiar em 52,2% dos casos, enquanto outros estudos, como o de De Lara et al. (2020), identificaram níveis satisfatórios de suporte familiar em pacientes com incongruência de gênero. Contudo, na pesquisa atual, apenas 23,61% dos participantes apresentaram funcionalidade familiar normal. Estudos de Hinostroza e Rojas (2023) e Núñez-Ariza et al. (2020) destacam que famílias com maior funcionalidade estão associadas a menores níveis de ansiedade e ideação suicida, enquanto a disfuncionalidade familiar é ligada ao aumento de sintomas de depressão e ansiedade, conforme encontrado por Guerrero-Muñoz et al. (2020) e Wang et al. (2020). Esses resultados reforçam a importância da funcionalidade familiar para a saúde mental dos jovens, especialmente no contexto da população LGBTQIAPN+.

Uma das questões centrais nas entrevistas qualitativas foi a relação de acolhimento e preconceito no ambiente familiar. A falta de abertura e a presença de atitudes preconceituosas podem dificultar a comunicação entre os jovens e seus familiares, conforme evidenciado nas



falas dos participantes. Alguns relataram experiências de desconforto e discriminação, como piadas e comentários desrespeitosos em relação à comunidade LGBTQIAPN+, o que impede a revelação da orientação sexual e resulta em sofrimento emocional.

Por outro lado, relatos de acolhimento familiar destacaram que a comunicação aberta e o apoio incondicional dos pais facilitaram tanto a aceitação quanto a revelação da orientação sexual. Esses dados sugerem que a qualidade da comunicação familiar exerce uma influência direta no processo de aceitação e no bem-estar emocional dos jovens LGBTQIAPN+. Nesse sentido, Tagliamento et al. (2020) afirmam que indivíduos que receberam acolhimento e aceitação familiar ao assumirem sua orientação sexual ou identidade de gênero demonstraram maior capacidade de lidar com as dificuldades sociais.

Os entrevistados também compartilharam as estratégias que utilizaram para revelar sua orientação sexual à família. Essas estratégias foram moldadas pela percepção dos participantes sobre os valores e expectativas familiares, além dos receios de rejeição ou incompreensão. Entre os que decidiram revelar sua orientação, alguns optaram por abordagens indiretas ou gradativas, visando minimizar o impacto emocional na família. Essas estratégias refletem as dificuldades enfrentadas por jovens LGBTQIAPN+ ao lidar com normas heteronormativas e o medo de discriminação. O apoio familiar foi destacado como um fator essencial para a aceitação e adaptação desses jovens à sua identidade.

A revelação da orientação sexual, muitas vezes, é acompanhada de um "luto simbólico" por parte dos pais, refletindo as tensões familiares entre as expectativas heteronormativas e a aceitação da diversidade sexual. De acordo com Machado et al. (2022), o afastamento emocional entre pais e filhos frequentemente está relacionado ao conflito interno que os pais enfrentam entre o discurso homofóbico absorvido pela sociedade e o amor que nutrem por seus filhos.

A funcionalidade familiar tem um impacto direto na qualidade de vida e saúde mental dos jovens LGBTQIAPN+. Embora muitos participantes tenham identificado dificuldades e disfunções familiares significativas, outros apontaram experiências de acolhimento e aceitação, o que contribuiu para maior segurança e bem-estar emocional. Esses dados, quando comparados a estudos existentes, reforçam a importância de políticas públicas que incentivem a aceitação



familiar e o acolhimento das orientações sexuais diversas, especialmente em contextos familiares que ainda enfrentam desafios relacionados ao preconceito e à falta de comunicação aberta. Nesse sentido, é essencial que se promovam políticas que criem um ambiente familiar funcional, favorecendo a saúde mental e o bem-estar dos jovens LGBTQIAPN+.

Uma limitação importante dessa pesquisa é o número reduzido de participantes na segunda etapa (apenas 9 entrevistados), o que dificulta a generalização dos resultados. Além disso, o fato de a amostra ser composta majoritariamente por estudantes universitários pode não refletir a realidade de outros grupos de jovens LGBTQIAPN+ fora do ambiente acadêmico. Estudos futuros poderiam ampliar a amostra para incluir diferentes contextos e examinar mais profundamente as dinâmicas familiares em relação à orientação sexual.

CONCLUSÕES

Este estudo teve como propósito investigar as dinâmicas familiares de jovens universitários gays, lésbicas e bissexuais, com foco na percepção de funcionalidade familiar e no apoio recebido frente à orientação sexual. A análise integrada dos dados quantitativos e qualitativos revelou um panorama heterogêneo, caracterizado por experiências que oscilam entre acolhimento e rejeição no âmbito familiar.

Os resultados indicam que uma parcela expressiva dos participantes apresenta baixa satisfação com os vínculos familiares, com percepção de disfunção moderada a severa. Tais dados evidenciam fragilidades nas relações familiares, que, em vez de oferecer suporte, frequentemente constituem uma fonte adicional de sofrimento psíquico. Em contrapartida, uma minoria relatou experiências positivas, marcadas por aceitação e apoio, ainda que essas vivências sejam menos prevalentes.

A análise qualitativa permitiu aprofundar a compreensão sobre as formas de comunicação no contexto familiar, as quais se configuram como elementos centrais na mediação da experiência de pertencimento. A comunicação aberta e acolhedora emerge como facilitadora da revelação da orientação sexual e do fortalecimento dos vínculos afetivos, enquanto a comunicação excludente, permeada por preconceito ou negação, favorece o silenciamento, a evitação e o distanciamento emocional.



As estratégias adotadas pelos jovens para revelar sua orientação sexual demonstram sensibilidade à configuração do ambiente familiar, especialmente em relação ao grau de conservadorismo, aos valores parentais e aos padrões de comunicação. O temor da rejeição constitui um fator limitante, levando muitos a postergar ou adaptar esse processo, o que reforça a persistência da vulnerabilidade enfrentada por pessoas LGBTQIAPN+ no espaço doméstico. Ademais, os dados sugerem que a descoberta da orientação sexual dos filhos por parte dos pais pode desencadear um processo de luto simbólico, cuja resolução é variada, envolvendo desde a busca por apoio psicológico até a manutenção de posturas de negação. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de políticas públicas que contemplem, de forma integrada, tanto os sujeitos LGBTQIAPN+ quanto suas famílias, a fim de fomentar práticas de comunicação facilitadas, promover a aceitação e mitigar os impactos da homofobia intrafamiliar.

Conclui-se, portanto, que as instituições de ensino superior exercem um papel estratégico na consolidação de redes de apoio e na promoção de ações educativas voltadas à sensibilização e ao diálogo com as famílias. Investimentos em políticas institucionais de acolhimento, bem como em projetos de extensão e pesquisa sobre a temática, são fundamentais para a construção de ambientes universitários mais inclusivos, equitativos e promotores de saúde e pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: Relações familiares; orientação sexual; jovens universitários; funcionalidade familiar; saúde.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 40/2022, processo n° 420086/2022-6.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.



CUBA, M. A. S.; ESPINOZA, M. A. APGAR familiar: una herramienta para detectar disfunción familiar. *Rev Med La Paz*, v. 20, n. 1, p. 53-57, 2014.

DE LARA, D. L.; RODRÍGUEZ, O. P.; FLORES, I. C.; MASA, J. L. P.; CAMPOS-MUÑOZ, L.; HERNÁNDEZ, M. C.; AMADOR, J. T. R. Evaluación psicosocial en adolescentes transgénero. *Anales de Pediatría*, v. 93, n. 1, p. 41-48, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.anpedi.2020.01.019>

GANAM, E. A. S.; PINEZI, A. K. M. Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. *Educação em Revista*, v. 37, e228757, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698228757>

Guerrero-Muñoz, D., Salazar, D., Constain, V., Perez, A., Pineda-Cañar, C. A., García-Perdomo H. A. (2020). Association between Family Functionality and Depression: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Korean J Fam Med*, 42(2):172-180. doi.org/10.4082/kjfm.19.0166

HERINGER, R. Políticas de acesso e permanência na Universidade do Texas, Austin (EUA): elementos para reflexão sobre o caso brasileiro. *Educar em Revista*, v. 38, e78962, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.78962>

Hinostroza, P., & Lima, D. (2023). Relación entre funcionalidad familiar y ansiedad estado-rasgo en adolescentes. *Revista Chakiñan de Ciencias Sociales y Humanidades*, (20), 112-124. <https://doi.org/10.37135/chk.002.20.06>

LEITE, L. R.; VERDE, A. P. S. R.; OLIVEIRA, F. C. R.; NUNES, J. B. C. Abordagem mista em teses de um programa de pós-graduação em educação: análise à luz de Creswell. *Educação e Pesquisa*, v. 47, e243789, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147243789>

Machado, D., Brás, M., Almeida, A. & Cordeiro, R. (2022). Impacto da revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 5(1), 139-154. doi:10.37914riis.v5i1.153 disponível em <https://riis.essnortecvp.pt/index.php/RIIS/article/view/153>



MACHADO, J. R. F. Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. *Devir Educação*, v. 7, n. 1, e697, 2023. DOI: <https://doi.org/10.30905/rde.v7i1.697>

Núñez-Ariza, A., Reyes-Ruiz, L., Sánchez-Villegas, M., Alvarado, F. A. C., Acosta-López, J., & Moya-De Las Salas, E. (2020). Ideación suicida y funcionalidad familiar en adolescentes del caribe colombiano. *AVFT–Archivos Venezolanos de Farmacología y Terapéutica*, 39(1). http://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev_aavft/article/view/18708

OLIVEIRA, D. G.; OLIVEIRA, R. N. G. Diário da Homofobia: a construção de um produto audiovisual sobre homofobia na universidade. *Educação, Cultura e Comunicação*, v. 13, n. 25, 2022.

PALMA, D. M.; ORCASITA, L. T. “La solución es la tijera”: Programa de Salud Sexual para Mujeres Lesbianas y Bisexuales. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, e34419, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34419>

RODRIGUES, P. S.; de SOUZA, A. P.; da SILVA VERNASQUE, J. R.; GIMENEZ, F. V. M.; SPONCHIADO, V. B. Y.; MARIN, M. J. S. Implicações da violência doméstica contra as mulheres na funcionalidade familiar: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 14, e10-e10, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769284998>

RUFATO, F. D.; ROSSETTO, E.; WILKON, N. W. V. O adoecimento psíquico em jovens universitários. *Revista Tempos E Espaços Em Educação*, v. 15, n. 34, e16903, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v15i34.16903>

SANTOS, N. P.; ABREU, P. D.; ARAÚJO, E. C.; FREITAS, N. O.; ARAÚJO, H. V.; SANTOS, C. B. Family relationships in the social network for young male homosexuals. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 6, e20190393, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0393>

Tagliamento, G., da SILVA, S. S. C., da Silva, D. B., de Souza Marques, G., Hasson, R., & dos Santos, G. E. (2020). Minha dor vem de você: uma análise das



consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 6(3), 77-112. <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i3.34558>

Wang, Y., Tian, L., Guo, L., & Huebner, E. S. (2020). Family dysfunction and Adolescents' anxiety and depression: A multiple mediation model. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 66. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2019.101090>